

A autonomia possível*

A saída do círculo vicioso das significações dominantes. A passagem ao ato. O tempo do irreversível. A decisão metálica de enfrentar a couraça do poder. A superposição do sistema ao clarão das deflações e a revelação do monstruoso grão de suas carências. O refúgio numa sombra espasmódica, a convicção de finalmente ter um pedaço de realidade ao alcance da mão, ao alcance do tiro. Sou apenas o soldado de uma revolução planetária que delegou seus comandos no coração da fortaleza... A convivência imaginária com os mestres do gênero: Guevara, Baader, mas também, tenho que confessar: Carlos, super-homem, Curcio, o anatematizador... A escalada da ação e da repressão, a captura das vanguardas pela fascinação, intimidação e, também, pode-se imaginar as mazelas do dia-a-dia da grana, do prestígio, do sexo...

Vocês dizem que na Itália, hoje, a luta armada teria se tornado uma forma essencial da "nova espontaneidade" e que seus aspectos de exemplaridade e de espetacularidade não seriam mais do que a espuma de uma onda sublevando a sociedade toda. Mais um motivo, neste caso, para não aceitar seu desvio pelos grupelhos! Vocês dizem que esta é sua principal preocupação! Fim dos estados-maiores cagando regras em cima das massas, fim dos especialistas da estratégia. Vocês esperam dissolver a neurose militar pela transversalidade. Ah, essa é boa, esta é a melhor! O braço da revolução vai saltar dá rachadura e vai se poder finalmente virar o disco! Como afastar, no entanto, este gostinho de uma velha ladainha? Vocês trocaram de coluna vertebral: vocês substituíram as velhas classes operárias brancas, bem educadas, bem urbanizadas, vacinadas pelo marxismo-leninismo, por um jovem proletariado, precário, instável, meio-estudante, meio-marginal! Mas o que é

que vocês fazem, no meio disso tudo, dos sofrimentos, dos desejos, dos protestos, dos avanços e dos recuos dos outros, de todos os outros: das mulheres que recusam sua sujeição, das crianças, dos velhos que querem viver de outro jeito, dos "nacionalitários",¹ dos loucos, dos poetas, que não se reconhecem mais nessa sociedade? Vocês não me parecem estar dispostos a tirar todas as conseqüências da diversificação da subjetividade revolucionária. Vocês só se tocam com a emergência de *uma* nova subjetividade operária e não parecem estar realmente preocupados com a convergência das novas formas de luta, no respeito de seu ritmo próprio, das sensibilidades específicas que elas manifestam em outros termos, da heterogeneidade insuperável dos conjuntos sociais que se constituem através delas. Por que sempre este ideal de *uma* coluna vertebral, de *uma* subjetividade englobante? Por que não cem, cem mil, cem milhões... Por uma questão de eficácia? Ladainha! A saída do gueto, a definição de novos objetivos, a invenção de uma cartografia operacional das lutas, a determinação do caráter de violência dos enfrentamentos, a natureza das formas de organização necessárias pelos novos campos políticos e micropolíticos (seus sistemas de expressão, de coordenação, de proliferação, seu grau relativo de centralidade, o fato de que elas sejam duradouras ou efêmeras, clandestinas ou públicas), todas estas questões passam por uma renovação completa na abordagem do problema central, mal chamado e maltratado há tanto tempo: o da *ação das massas*. E, pra dizer a verdade, tenho a impressão de que não soubemos avaliar essa renovação.

Acabamos sempre voltando aos três cercos fundamentais:

- o da repressão social;
- o da segmentaridade dos grupelhos;
- o do sobreinvestimento inconsciente do "ideal de grupo", que tende a tomar, em situações de clandestinidade, proporções gigantescas.

Não basta constatar que estes três níveis comunicam (através das ideologias, dos meios de comunicação de massa, das instituições, das organizações, dos equipamentos coletivos, etc.). Convém também se dar meios para modificar tal estado de coisas criando condições favoráveis para a manifestação de outras espécies de interação! Um exemplo, entre os mais lamentáveis, os mais desonrosos que marcaram o movimento revolucionário ocidental: aquelas fotos terríveis de Hans-Martin Schleyer, com seu letreiro pendurado no pescoço, ou as de Aldo Moro, reduzido a um trapo, encostado ao cartaz de propaganda das Brigadas Vermelhas. Táí uma coisa que provoca uma compaixão irresistível, que desencadeia uma piedade de natureza quase etológica. O escândalo do assassinato parece até que se apaga diante desta ima-

gem. O que é a morte ao lado de tamanha insanidade? Que espécie de trambicagem de grupelho fez com que os camaradas caíssem num microfascismo desses? Basta responder que é preferível mudar de alvo, visar somente os objetivos correspondentes ao desejo das massas, por exemplo, computadores a serviço do controle social...

Mas como garantir que, com o jogo da escalada repressiva, não se acabará reproduzindo, apesar de tudo, o mesmo tipo de teatrinho de fantoches clandestino imediatamente recuperado pelos meios de comunicação de massa num *supershow* mundial? A experiência já provou que neste campo não bastam as boas intenções. Existe, pra valer, um risco objetivo de que, da conjunção entre o aparelho repressivo e a lógica dos grupelhos, renasçam inelutavelmente formas monstruosas de desejo de tirania e de desejo de sujeição. Quero que me entendam bem, não estou dizendo que estas "sobem" lá dos fundos do inconsciente onde elas teriam ficado enterradas, recalçadas... Não, simplesmente certos empreendimentos revolucionários, fracos em seus projetos, raquíticos em suas idéias e seus desejos, fechando-se em si mesmos, *re-montam*, *re-compõem* os mesmos velhos modelos reacionários de máquinas de guerra, as mesmas velhas máquinas de tortura moral e física que atravancam todos os recantos da história.

Das duas uma: ou a autonomia que está por vir, "a autonomia possível", dará os meios para superar os efeitos catastróficos que resultam destas espécies de conjunção, ou:

- na falta de alternativas dignas de crédito (inclusive a um nível inconsciente), as "massas" continuarão a ser "massas", e a pastar no reformismo majoritário;
- os insultos dos grupos clandestinos, longe de contribuir para fazer situações metastáveis penderem num sentido revolucionário, farão o jogo de fabulosas campanhas de intoxicação imaginária e de extensão contínua do controle social e da repressão;
- os movimentos "nacionalitários" de luta armada na Europa continuarão a ficar isolados, correndo o risco de se afundar no particularismo, e num enraizar-se místico (não confundir aqui o particularismo que isola com a *singularidade* de um desejo coletivo que permite múltiplas aberturas);
- o capitalismo mundial disporá de apoios suplementares para seus empreendimentos de disciplinarização e de integração da força coletiva de trabalho e acabará marcando pontos decisivos na promoção de um novo tipo de ordem social e de ordem do inconsciente (seja qual for o preço disso, em todos os registros!).

Mais do que nunca, não podemos poupar, nestas questões, altas doses de lucidez, de humor, assim como daquilo a que chamarei: "a prova do desejo". É mais do que óbvio, infelizmente, que as diversas formas de luta armada que cristalizaram na Europa, durante a última década, em torno dos grupelhos dogmáticos, só conduzem a resultados absurdos e monstruosos. Mas impõe-se, também necessária, a maior vigilância crítica com relação aos movimentos que reivindicam sua junção com a "área de lutas difusas". Nada mais nos fará aceitar ainda a promoção, seja qual for, de superinstâncias unificadoras modeladoras, estados-maiores "estratégicos", programas e teorias tendo a vocação de responder pelo conjunto das situações e pela multiplicidade dos pontos de vista em presença. A recomposição de uma centralidade organizacional — sob formas, repito, a serem inteiramente repensadas: multicentralidade, heterocentralidade... —, que é obviamente necessária, desde que se pense em ações de escala nacional ou internacional, será tanto mais compreendida e assumida quanto mais se basear unicamente em agenciamentos contingentes de luta, preservando a autonomia, a heterogeneidade de seus componentes. Sem dúvida passará muito tempo ainda antes que as revoluções deste final de milênio cheguem a aperfeiçoar máquinas de guerra social, máquinas de escrita, de poesia, de teoria, máquinas de vida, permitindo-lhes superar etapas decisivas nos processos de destruição-reconstrução dos sistemas sociais atuais. Mas o mínimo vital que se pode exigir hoje me parece ser que componente algum da revolução molecular seja desprezado, ou simplesmente ignorado. E, mais além, o que se pode esperar de melhor é que no seio de cada uma delas, e no seio das diversas formações do movimento, organizadas de um modo mais clássico, desenvolva-se uma nova disponibilidade, uma nova sensibilidade a alianças, a conjunções imprevisíveis, inimagináveis.

NOTA

(1) N. do Trad.: O autor refere-se aos movimentos de libertação dos bascos, dos corsos, dos bretões, dos católicos irlandeses, etc.